

## DINAMISMOS DE MISERICÓRDIA NO CORAÇÃO E NA PALAVRA DOS SÁBIOS DE ISRAEL

Num dos seus escritos, o grande escritor Dostoievski, oferece-nos a percepção singular de que *a misericórdia é a mais importante e talvez a única lei de vida da humanidade inteira*<sup>1</sup>. Na verdade, este escritor coloca diante de nós uma intuição de misericórdia que se assemelha a um horizonte aberto, onde todos os seres humanos se podem encontrar e realizar na sua humanidade. Crentes ou não, toda a humanidade se pode incluir neste horizonte humano de misericórdia. De algum modo, a amplitude deste horizonte impede que a misericórdia seja entendida, única e exclusivamente, como apanágio de uma forma de religião, não obstante o facto das três grandes religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islão – mencionarem o termo “misericórdia” nos seus livros sagrados, com uma notável densidade.<sup>2</sup>

A misericórdia não é, portanto, algo de que nos possamos apropriar ou consignar ao Deus em que acreditamos. É algo que tem as dimensões da própria humanidade e da própria criação, na sua existência mais profunda e misteriosa; impossível de reduzir a declarações, palavras ou gestos. Neste horizonte, global – humano e religioso – a misericórdia torna-se um horizonte que nunca se possui, mas que faz caminhar, lutar e amar profundamente.

Os múltiplos discursos sobre a misericórdia falam de que este termo enuncia, na sua composição linguística – seja no português como noutras línguas de derivação latina – o órgão físico do coração (juntando as duas palavras latinas: *miseratio* - compaixão + *cordis*-coração = coração compadecido). Por isso, o coração, um órgão de considerável importância no funcionamento fisiológico do corpo humano, tornou-se, na linguagem simbólica, o lugar corporal-espiritual, onde nos habituámos a situar os sussurros da compaixão e o inúmero campo de sentimentos.

<sup>1</sup> Cf. Fiódor Dostoiévski, *O Idiota*, Editorial Presença, Lisboa 2001, 26.

<sup>2</sup> Além do testemunho bíblico do AT e NT, é interessante notar que todas as Suras (ou capítulos) do Corão (exceto a IX, talvez fruto de um fracionamento) se abrem precisamente com dois adjetivos árabes modulados pela mesma raiz bíblica ‘*rhm*’: *Em nome de Deus misericórdia e misericordioso (bismiLlah al-rahman al-rahim)*. Facto que torna paradoxal, o fundamentalismo muçulmano, ao proceder precisamente em sentido oposto, ignorando que o rosto autêntico do Deus do Corão, antes de ser justo, é compassivo e misericordioso. Um tema exaltado de modo muito intenso por uma importante tradição mística muçulmana conhecida como *Sufi*, onde entra em cena repetidamente o Deus amoroso e o fiel enamorado.

Curiosamente, na linguagem bíblica, nós assistimos a um fenómeno particular. Na verdade, quer no hebraico quer no grego, as duas línguas principais da Sagrada Escritura, o lugar corporal-espiritual da misericórdia, não é o coração, mas o ventre materno e diz-se com o substantivo ‘*rahem*’, no plural ‘*rahamim*’. Tal como o coração, também, o ventre materno é transformado, numa metáfora emocional, utilizada, pelos autores bíblicos até à exaustão, para descrever o ser e o agir de Deus. É, precisamente, neste contexto, que Deus diz, pela boca do profeta Isaías:

*Ouvi-me, casa de Jacob, e vós todos, sobreviventes da casa de Israel, vós que nascestes de mim desde o vosso nascimento, quando estavas no ventre materno (Is 46,3).*

*Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter misericórdia (lit. não ter um ventre) para fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria (Is 49,15).*

*Por um curto momento, Eu te abandonei, mas com um amor eterno eu terei misericórdia de ti (lit. eu terei um ventre materno para ti) (Is 54,7)*

Na perspetiva bíblica, que herdámos do judaísmo, ser misericordioso equivale, portanto, a ser tomado, agarrado até às entranhas da nossa humanidade. No entanto, a reflexão que desejo propor não se circunscreve, simplesmente, ao âmbito da misericórdia, mas ao da relação que, no campo textual bíblico, é possível estabelecer entre sabedoria e misericórdia. Por isso, a grande questão que coloco é: como podemos estabelecer uma relação entre a compreensão bíblica de misericórdia apenas enunciada (a de ser tomado e agarrado até às entranhas) com a percepção bíblica de Sabedoria (uma procura de Deus, que se traduz numa procura sentido entre Fé e vida)? Será que na Bíblia sabedoria e misericórdia oferecem sinais mais ou menos explícitos de uma relação? É possível ser sábio e, simultaneamente, misericordioso?

Num primeiro momento, o que podemos entrever é o facto da sabedoria Bíblica, tal como nós a entendemos, se focalizar, essencialmente, numa compreensão do sentido da vida na sua relação com Deus, enquanto a misericórdia se orientar mais para o agir de acordo com fé e relação que temos com Deus. Esta diferenciação estende-se à observação lexical, marcada pela quase total ausência do termo hebraico misericórdia– *rahem* ou *rahamim* – na literatura sapiencial, onde a sabedoria de Israel se condensa e objetiva de um modo particular. Esta ausência linguística parece sugerir que os sábios de Israel subentendem algum desinteresse por uma compreensão ampla de misericórdia na sua relação com a sabedoria.

No entanto, embora raros, os casos em que emerge o uso do termo misericórdia – *rahem* ou *rahamîm* – manifestam uma peculiaridade significativa. A raiz ‘*rhm*’ aparece em Pr 12,10 (*O justo cuida das necessidades do seu gado, mas as entranhas dos ímpios são cruéis*), para aludir à total ausência de compaixão do agir dos ímpios; em Pr 28,13 (*Aquele que dissimula as suas faltas, não prosperará, mas quem as confessa e se emenda terá misericórdia*) para valorizar a humildade daquele que sabe reconhecer a verdade da sua fragilidade; em Jb 10,18; 24,20; 31,15 e 38,8 numa referência direta ao ventre materno do ser humano e da terra, como dois lugares que Deus domina como criador. No Livro de Ben Sirá (Eclesiástico) o termo misericórdia – *rahem* ou *rahamîm* – é traduzido pela raiz verbal grega *σπλαγχνίζομαι*, utilizada muito raramente. Um exemplo é Sir 30,7 (*Aquele que acarinha os seus filhos, terá que lhe tratar as feridas e, a qualquer dos seus gritos, se comoverão as suas entranhas*)

Em ambos os livros de Ben Sirá e Sabedoria o termo grego, mais frequente para indicar misericórdia, é o de *ἔλεος*; um termo que se orienta sobretudo para uma relação de piedade (*kirie eleison*), à semelhança do termo hebraico *hesed*, que pretende invocar a bondade do agir de Deus. Esta particularidade, é significativa, nomeadamente num contexto lexical, onde significado e a diferença que cada termo encerra, não pode ser considerado um mero detalhe. A Escritura não tem a mesma percepção e uso das palavras que nós. As palavras são os seus mapas que indicam, de uma maneira mais ou menos velada, o grande tesouro da Palavra de Deus. Por isso, perante a sobriedade sapiencial da linguagem sapiencial da misericórdia é necessário compreendermos, o que entendemos por sabedoria Bíblica e quem são os sábios de Israel.

No conceito bíblico de sabedoria podem ser-nos úteis dois confrontos: um oriundo do panteão egípcio, de onde provém a deusa clássica de *ma'at*, filha do deus Ra (uma deusa que assegurava a ordem cósmica e a harmonia nas relações humanas, através da justiça e da bondade para com os pobres); o outro oriundo da Grécia antiga, que nos descreve a sabedoria como a arte de viver pleno de equilíbrio, e se define como a capacidade de pronunciar-se com profundidade sobre os problemas quotidianos.

Influenciada ou não por estas formas de sabedoria, a sabedoria Bíblica exercita-se num âmbito prático (que se manifesta por *um saber fazer bem as coisas*); intelectual (aquela que reflete e compreende as leis da vida); política e social (aquela que visa a relação entre os seres humanos); religioso (numa reflexão da experiência num horizonte de relação e de fé

com Deus). Nos livros bíblicos, que convencionalmente chamamos de sapienciais (Pr, Jb, Qo, Sir, Sb), existem todas estas formas, que se acentuam de um modo diverso em cada um deles. Porém, é significativo que em determinado momento do percurso da reflexão dos sábios de Israel emergja a percepção de que, é necessário que exista quem trabalhe a terra, quem saiba refletir e compreender as leis da vida ou até mesmo a a relação entre os seres humanos. Porém é indispensável que existam pessoas sábias que meditem, também, e particularmente, sobre os mistérios de Deus. Pessoas que não só sabem fazer as coisas bem, como sabem viver a vida segundo o seu verdadeiro sentido, i.e. segundo um projeto de Deus (Sir 38,24-26).<sup>3</sup> Este testemunho bíblico formula de um modo incisivo uma intuição que o precede, de que não existe sabedoria se não existe uma relação com Deus. A verdadeira sabedoria bíblica traduz-se num saber viver bem e não se pode viver bem, verdadeiramente fora de uma relação verdadeira com Deus. Por isso, em Israel não existe uma felicidade perfeita senão numa vida situada no âmbito do *temor de Deus*; um temor que se manifesta em respeito, acolhimento do mistério, aceitação da própria verdade, reconhecendo Deus como criador e Senhor, o único que é bom e que salva. Isto implica entender que o verdadeiro sábio é Deus; o único que pode dar a sabedoria, uma vez que a sabedoria não é algo que se adquire ou se possui, é sim um Dom que se recebe.

O sábio não é, por isso, um chefe, um sacerdote ou um profeta e não realiza a sua missão em nome do estado ou em nome de Deus. O sábio de Israel é aquele que se confronta com a realidade e com o mundo, interrogando-se sobre o seu sentido e sobre o sentido de viver à luz da fé que herdou e possui. Ele é aquele que pela interrogação entra num confronto e numa luta, através da qual aprende e ensina a viver. O sábio vive e reflete sobre aquilo que vive, pensa, interroga-se, acumula experiência; experiência que ele próprio testemunha e oferece sem impor nem se impor. Em Israel, aquele que é sábio convence, faz ver como é belo o seu tesouro, suscitando interrogações e fazendo com que aquele que se deixa interrogar descubra sentidos novos e se coloque no caminho da sabedoria. O sábio de Israel sabe que não se pode viver bem quando se vive apenas em conformidade com uma lei externa, é necessário encontrar uma lei interior, a lei do coração, a Lei de Deus. Por isso, ele não indica comportamentos pré-fabricados, não dá respostas feitas, mas antes ajuda a

<sup>3</sup> Muitos autores têm procurado estabelecer uma distinção entre *profano* e *sagrado* no corpo dos provérbios sapienciais. Esta atitude é fortemente criticada por outros autores, afirmando tratar-se de um julgamento anacrónico. O nosso critério para distinguir estas duas noções é muito diferente daquele que caracterizava o antigo Israel. Por isso, é preferível distinguir entre sabedoria prática/experiência e sabedoria didática/política/formativa.

colocar as perguntas justas e a encontrar as respostas precisas, e a cada um as suas. Por isso, é que podemos dizer que em Israel a sabedoria não é uma lei, é um convite e um dom. O sábio de Israel é alguém que se coloca ao serviço deste Dom.

A realidade em que vivemos é muito complexa. Nela o sagrado e o profano unem-se e misturam-se, os acontecimentos, mesmo os mais evidentes e definitivos, são ambíguos, podendo ser sempre interpretados de formas diversas.<sup>4</sup> Dizer que a realidade é ambígua e complexa significa dizer que ela implica o sentido da pessoa e da sua liberdade. Por isso, todos nós experimentamos a necessidade de que é necessário que existam pessoas sábias, que nos ensinem a encontrar a perspetiva justa para que possamos compreender os acontecimentos, fazer as perguntas adequadas e encontrarmos as respostas verdadeiras. Alguém que nos ensine a encontrar o sentido profundo das coisas que nos faça aprender como fazer e como viver em plenitude, o mesmo é dizer numa relação harmoniosa com Deus e com a criação.

Existe um aspeto muito bonito nos sábios de Israel que não posso deixar de mencionar. Embora, o seu percurso suponha momentos de alguma presunção de saber, este percurso passa por momentos de profunda humildade, onde o sábio experimenta os seus próprios limites e percebe que ele não tem uma resposta total, porque esta só vem de Deus, o verdadeiro e o único sábio; o único que sabe onde habita a sabedoria.<sup>5</sup> Existem muitos aspetos da realidade humana que lhe escapam e que estão nas mãos daquele que tudo governa: *Ao homem os projetos do coração, de Yhwh vem a resposta da língua* (Pr 16,1); *Casa e fortuna são herança paterna, mas é Yhwh quem dá uma esposa prudente* (Pr 19,14); *O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem de Yhwh.* (Pr 21,31).

Ele não está seguro de que o seu agir seja justo: *Todo o caminho do homem é reto aos seus olhos, mas é Yhwh quem pesa os corações.* (Pr 16,2; 21,2). O sábio sabe, em definitiva que nós estamos nas mãos de Deus: *Yhwh dirige os passos do homem: como, pois poderá o homem compreender o seu caminho?* (Pr 20,24); *Não há sabedoria nem*

<sup>4</sup> Lembremos, por exemplo, a morte de Jesus, não existe um acontecimento mais definitivo e total, porém também ele é ambíguo no sentido de que pode ser suscetível de diferentes interpretações, que não se impõem de um modo total. Por isso, os sacerdotes ao ver Jesus morrer dizem: "Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se...que desça da cruz para que vejamos e creiamos.", enquanto o centurião diz: "Verdadeiramente este homem era Filho de Deus" (cf. Mc 15,3 1-32.39).

<sup>5</sup> A partir do momento que o sábio experimenta que não é o dono da realidade e daqueles a quem se dirige, ele interioriza os limites do seu saber e da sua própria experiência e percebe que não existe nada pior do que um ser humano convencido de que sabe tudo: "Vês um homem sábio aos seus olhos? Espera-se mais do insensato do que dele." (Pr 26,12).

*entendimento, nem conselho diante de Yhwh (Pr 21,30).* Por isso, dizemos que, numa perspectiva bíblica, o verdadeiro sábio sabe que a sabedoria vem de Deus e que só na sua relação com Deus, a origem da verdadeira sabedoria, se pode explicar e realizar.

Por isso, ainda que não seja fácil circunscrever os diferentes matizes do uso linguístico do termo misericórdia na literatura sapiencial bíblica, a percepção singular que os sábios têm da relação íntima entre Deus e a sabedoria, permite-nos uma pequena brecha de entrada. É possível reconhecer no interior das alusões à misericórdia, algo define o ser e o agir sábio de Deus, que permanece *o Deus de entranhas* geradoras de vida. É um facto que, não raramente, a nossa aproximação da Palavra de Deus se desenvolve a partir de uma visão muito imediatista, neste caso até mesmo da própria misericórdia de Deus. Esta visão é legítima, mas para que ela não se torne narcisística, demasiado centrada em nós, precisamos de entrar no coração dos sábios; são eles que nos levam ao âmago da sabedoria que define o ser e o agir de Deus.

Por isso, este artigo não se reduz a uma descrição da relação possível entre sabedoria e misericórdia. O objetivo é mais ousado: conseguir olhar a misericórdia de Deus, com os olhos dos sábios de Israel. Isto é, conseguir olhar a misericórdia de Deus como *um discernimento e ternura* que nos constitui como seres profundamente humanos e crentes; como *uma sabedoria que vamos aprendendo* nos caminhos mais ou menos difíceis que percorremos; *uma possibilidade de vida* que ainda não vimos nem considerámos... *um Dom / Graça* que move a inteligência e o agir na descoberta de Deus e do irmão.

1. A ***misericórdia como um discernimento*** que nos constitui como seres profundamente humanos.

Pr 1 <sup>20</sup> *A sabedoria clama nas ruas,  
eleva a sua voz nas praças,*

<sup>21</sup>*grita por sobre os muros,*

*faz ouvir sua voz à entrada das portas da cidade:*

<sup>22</sup>*«Até quando, ó simples, amareis a ingenuidade?*

*Até quando os néscios se deleitarão em zombar  
e os insensatos odiarão o saber?*

<sup>23</sup>*Convertei-vos às minhas admoestações;  
espalharei sobre vós o meu espírito,*

*ensinar-vos-ei as minhas palavras.*

<sup>24</sup>*Mas já que vos chamei e vós não respondestes, estendi a mão*

*e ninguém prestou atenção;*  
<sup>25</sup>*já que desprezastes todos os meus conselhos*  
*e não destes ouvidos às minhas repreensões,*  
<sup>26</sup>*também eu me ri de vossa ruína,*  
*e zombarei, quando vos sobrevier o que temíeis,*  
<sup>27</sup>*quando cair sobre vós o terror, como um temporal,*  
*quando vos surpreender a desgraça, como um furacão*  
*e quando vierem sobre vós a tribulação e a angústia.*  
 ...  
<sup>33</sup>*Mas aquele que me ouvir, viverá tranquilo,*  
*seguro, sem receio de mal algum.»*

*Pr 7-21* *À força de palavras foi-o seduzindo*  
*e arrastou-o com as lisonjas dos seus lábios.*  
<sup>22</sup>*Ele seguiu-a imediatamente,*  
*como um boi que é levado para o matadouro,*  
*como um veado apanhado na armadilha,*  
<sup>23</sup>*até que uma flecha lhe trespassa o fígado;*  
*é como a ave que se precipita para o laço,*  
*sem saber que se trata dum perigo para a sua vida.*

Os textos de Pr 1,20-27.33 e 7,21-23 colocam-nos perante duas vozes que aparentemente pretendem seduzir à escuta e ao agir. A sedução não é feita pelas coisas ou pessoas concretas, mas pela palavra que apela, descreve. Trata-se do seguimento do dizer (cf. Pr 1,10-14; 2,16; 6,24). Ambas as duas vozes, a da sabedoria e a da mulher estranha dizem: «Vem»! sublinhando a consciência que o sábio tem da palavra como uma arma de sedução; mas também como o lugar onde se baralham os valores e se incapacita os ingênuos de reconhecer a perversão. A diferença entre as duas vozes, terá de ser reconhecida na descoberta de que, enquanto a palavra dos planeiam o mal é simples palavra humana, a dos sábios é e será sempre uma palavra que reenvia à sabedoria (cf. Pr 3,4; 8,35).<sup>6</sup>

*Pr 8,35* *Aquele que me encontrar, encontrará a vida*  
*e alcançará o favor do Senhor.*  
<sup>36</sup>*Mas quem me ofender, prejudica-se a si mesmo*  
*e os que me odeiam amam a morte.*

<sup>6</sup> Cf. J.-N. ALETTI, « Séduction et parole en Proverbes I-IX », *VT* 27 (1977), 130-132..

O próprio vocabulário utilizado neste e em ao longo de Pr 1 – 9 aparece marcado por uma ambiguidade deliberada: o ser humano pode fazer *o mal* (Pr 2,14) ou *o bem* (Pr 3,27); *abraçar a sabedoria* (4,8) ou *a mulher do próximo* (5,20), *agarrar a sabedoria e a instrução* (3,18) ou ser ele mesmo agarrado pela mulher estranha (7,13). Ambas a sabedoria e a mulher estranha escolhem os mesmos lugares para falar (Pr 1,20; 7,12) e ambas oferecem um banquete (Pr 9).<sup>7</sup>

Esta ambiguidade é causada fundamentalmente pela possibilidade de duas vozes (duas realidades) poderem propor as mesmas coisas. Porém, com a diferença de que uma deseja o mal e a outra o bem. É, verdadeiramente aqui que se joga o poder de sedução pela palavra. E esta uma das grandes ciladas elaborada pelos que planeiam o mal: o de saber seduzir o ingênuo com as mesmas palavras usadas para seduzir para o bem (cf. Pr 1,13 / 8,21; 9,4.15). A pergunta veemente do sábio é tão lancinante como a sua resposta: como reconhecer a palavra que deseja o bem da que deseja o mal? Só existe um caminho, o caminho do constante discernimento.

Pr 7, <sup>4</sup>*«A vós, homens, eu apelo,  
a minha voz dirige-se aos filhos dos homens  
<sup>5</sup>Ó ingênuos, aprendei a prudência,  
e vós, ó insensatos, adquirir a inteligência...  
<sup>12\*</sup>Eu, a sabedoria, habito com a prudência,  
posuo o conhecimento e a reflexão.*

Todo o esforço de Pr 1-9 visa desmascarar a capacidade humana, que pelo seu discurso, torna as coisas ambíguas e as desvia do seu fim. Só a sabedoria nos leva até Deus: ela vem dele e está com ele (Pr 8,22-36). A palavra perversa. A palavra do projeto escondido visa semear a desordem, enquanto a palavra sábia fala-nos da ordem do mundo. Em Pr 1-9, o sábio faz falar a sabedoria e interpela o ingênuo a adquirir discernimento, capaz de ajudar o inexperiente a distinguir o discurso sábio do discurso sedutor.

O que é que isto tem a ver com a misericórdia? Se retomarmos a percepção bíblica da imagem das “entranhas geradoras de vida”, nós entendemos que embora estas duas vozes não utilizem o vocabulário da misericórdia, através delas os sábios avisam-nos que, para acolher um Deus misericordioso é necessária uma sabedoria e um discernimento permanente. Um discernimento que nos ajude a estar na vida de uma maneira intensamente atenta, e não indiferente. O tanto faz, ou o é tudo o mesmo, ou ainda as aparências, não dispõem em nós as condições de um coração

<sup>7</sup> Cf. J.-N. ALETTI, « Séduction et parole en Proverbes I-IX », *VT* 27 (1977), 132.

misericordioso; um coração capaz de entender o que Deus faz por nós com entranhas geradoras de vida e o que nós podemos fazer com ele.<sup>8</sup>

2. A *misericórdia como uma sabedoria* que vamos aprendendo nos caminhos mais ou menos difíceis que percorremos.

**Jb 3** <sup>1</sup>*Por fim, Job abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.* <sup>2</sup>*Tomou a palavra e disse:*

<sup>3</sup>*«Desapareça o dia em que nasci*

*e a noite em que foi dito:*

*'Foi concebido um varão!'*...

<sup>11</sup>*Porque não morri no seio da minha mãe*

*ou não pereci ao sair das suas entranhas?*

<sup>12</sup>*Porque encontrei joelhos que me acolheram*

*e seios que me amamentaram?*

<sup>20</sup>*Por que razão foi dada luz ao infeliz,*

*e vida àqueles para quem só há amargura?*

<sup>23</sup>*Porque vive um homem cujo caminho foi barrado*

*e a quem Deus cerca por todos os lados?*

Todos conhecemos a ênfase que autor do Livro de Job atribui a uma das perguntas mais desafiadoras de sempre: porque é que sofremos? O autor parece acreditar que existe uma resposta adequada para esta pergunta. Porém, não a oferece em afirmações e discursos evidentes. Começa por surpreender-nos, colocando-nos perante um «grito» veemente de angústia e de dor: *Por fim, Job abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento.* <sup>2</sup>*Tomou a palavra e disse: «Desapareça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: 'Foi concebido um varão!'*» (Jb 3,1-3). Nada, no início do livro (Jb 1-2), nos havia preparado para um tal derramar de amarga aflição.

A simples imagem de amaldiçoar o dia do nascimento é suficientemente vigorosa. O sofrimento que Job vive no momento presente fá-lo desejar a total supressão do dia do seu nascimento. O seu sofrimento é de tal modo aterrador, nas suas implicações, que o leva a ameaçar até mesmo a ordem que Deus estabeleceu na criação: *Converta-se esse dia em trevas! Deus, lá do alto, não se preocupe com ele nem a luz o venha iluminar. Apoderem-se dele as trevas e a escuridão. Que as nuvens o envolvam e os eclipses o apavorem!...* (Jb 3,4-5). Este grito emerge como a abertura à grande

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, 134-144.

«sinfonia» do sofrimento, deixando que as palavras de Job prossigam com o um tom de um imenso clamor. Nele, Job repete até à exaustão o seu desejo de, pelo menos, poder ter habitado de imediato a morada dos mortos, ali onde ele acredita não haver lugar para a punição nem para a recompensa de Deus.

É no contexto deste doloroso lamento pessoal que o autor coloca, na boca de Job, a questão do sofrimento do ser humano em geral: *Por que razão foi dada luz ao infeliz, e vida àqueles para quem só há amargura? Esses esperam a morte que não vem e a procuram mais do que um tesouro, esses saltariam de júbilo e se alegrariam por chegar ao sepulcro. Porque vive um homem cujo caminho foi barrado e a quem Deus cerca por todos os lados?*(Jb 3,20-21.23). A partir deste momento e até ao final do livro, a questão do sofrimento deixa de ser uma situação particular, para tornar-se a mira de uma contingência comum a todo o ser humano. Porém, o caminho percorrido ficou bem assinalado: foi da questão, porque é que este sofrimento me está a acontecer a mim, que desabrochou a urgência da questão, porque é que todo o ser humano sofre.<sup>9</sup>

O autor do Livro de Job nunca nos diz exatamente qual era o sofrimento que atingia Job. Conhecemos apenas alguns acontecimentos dolorosos que marcaram a sua vida (a perda dos bens, dos filhos e da sua saúde Jb 1-2; 7,5). Os detalhes do seu sofrimento não parecem importantes, porque a causa da angústia de Job parece ser mais profunda que a perda mais querida ou que a dor mais forte. Não é o sofrimento em si mesmo que está em causa, mas aquilo que esse sofrimento implica. Job tinha construído a sua vida numa fé implícita de que o universo era regido por uma ordem interna coerente. Uma ordem que todo o ser humano conhecia e sob a qual organizava toda a sua vida. Era, por isso, normal esperar algo de bom na vida, principalmente quando se era bom. Neste contexto, um tal sofrimento imerecido é incompreensível. Job coloca tudo em questão, mergulhando-se numa espécie de desespero, onde toda a vida humana parece reduzir-se a uma questão de boa ou má sorte. Job parece mesmo aproximar-se do abismo que é considerar isto como a verdade da existência humana.<sup>10</sup>

É, a partir do chão doloroso em que Job está sentado, que se situa a oportunidade da pergunta: Onde está o Deus misericordioso, o Deus que têm entranhas de misericórdia? Será preciso ler muito atentamente as palavras de Job e dos amigos (Jb 3-31); as palavras pronunciadas por um jovem sábio (Jb 32-37) e pelo próprio Deus (Job 38,1-42,6), e finalmente por muitos outros sábios (Jb 28), para entrevermos a resposta oferecida à

<sup>9</sup> Cf.

<sup>10</sup> Cf.

questão do sofrimento e de certo modo a pergunta que acabámos de fazer: no Job sofredor, onde está o Deus misericordioso, o Deus que têm entranhas de misericórdia?

<sup>10</sup>*Considerai as gerações antigas e vede:  
quem confiou no Senhor e foi confundido?  
Quem perseverou no temor do Senhor e foi abandonado?  
Quem o invocou e se sentiu desprezado?*  
<sup>11</sup>*Porque o Senhor é compassivo e misericordioso,  
perdoa os pecados e salva no tempo da aflicção.*  
<sup>12\*</sup>*Ai do coração pusilânime, e das mãos desfalecidas,  
e do pecador que segue dois caminhos!*  
<sup>13</sup>*Ai do coração fraco, pois não acredita;  
por isso não terá protecção!*  
<sup>14\*</sup>*Ai de vós que perdestes a perseverança:  
que fareis, quando o Senhor vos pedir contas?*  
<sup>18</sup>*«Lancemo-nos nas mãos do Senhor  
e não nas mãos dos homens,  
pois a sua misericórdia é igual à sua grandeza.»*

Nos breves momentos finais do livro, o autor parece proteger a sua resposta à questão do sofrimento na insondabilidade do mistério e da alteridade-divina e faz Job reconhecer: *De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber* Jb 42,3b. Quando ouvimos estas palavras, precisamos de algum tempo para nos refazermos do impacto que elas desencadeiam. Job continua sentado no chão terrível do seu sofrimento, no entanto as suas palavras, agora, projetam-se na esperança singular e notável que Job sempre manifestou em Deus (...*para Deus correm as lágrimas dos meus olhos* Jb 16,20; cf. 17,2-3; 19,25-27).<sup>11</sup>

**42** <sup>1</sup>*Job respondeu ao Senhor e disse:*  
<sup>2</sup>*«Sei que podes tudo  
e que nada te é impossível...  
De facto, eu falei de coisas que não entendia,  
de maravilhas que superavam o meu saber  
...  
<sup>5</sup>Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti,  
mas agora vêem-te os meus próprios olhos.  
<sup>6</sup>Por isso, retrato-me e faço penitência,  
cobrindo-me de pó e de cinza.»*

Com Job todo o leitor crente aprende que a resposta à questão do sofrimento está sua capacidade de não desesperar, mas antes de esperar e de esperar sempre em Deus; um Deus misericordioso, com entranhas de misericórdia. Está na capacidade de saber-se voltar para o próprio Deus e de, em todos momentos, aprender a pedir Deus a Deus. É esta a misericórdia que se assume como uma sabedoria, que se aprende nos caminhos mais ou menos difíceis que se percorrem; a sabedoria, que não nos encurrala na nossa frágil compreensão humana, mas nos abre à certeza de um Deus misericordioso e de caminhos insondáveis.

### 3. A *misericórdia como uma possibilidade de vida* que ainda não vimos nem considerámos.

**Sir 2** <sup>1</sup> *Filho, se te aproximares para o serviço do Senhor prepara a tua vida para a prova.*

<sup>2</sup>*Endireita o teu coração e sê constante, não te perturbes no tempo da adversidade.*

<sup>3</sup>*Conserva-te unido a Ele e não te separe, a fim de que tu possas crescer no fim.*

<sup>4</sup>*Aceita tudo o que te acontecer, e nas vicissitudes da tua humilhação tem paciência,*

<sup>5</sup>*porque no fogo se prova o ouro e os eleitos de Deus, no cadinho da humilhação.*

<sup>6</sup>*Confia em Deus e Ele te ajudará, endireita os teus caminhos e espera nele.*

<sup>7</sup>*Vós que temeis o Senhor, esperai na sua misericórdia, e não vos afasteis, para não cairdes.*

<sup>8</sup>*Vós que temeis o Senhor, confiai nele, a vossa recompensa não vos faltará.*

<sup>9</sup>*Vós, que temeis o Senhor, contai com a prosperidade, a alegria eterna e a misericórdia, pois a sua recompensa é um dom eterno e jubiloso.*

Na dependência da condicional ‘se’, o autor bíblico desenha um programa todo ele orientado à vida interior do discípulo/a, na sua relação com Deus. O sábio, como um autêntico pedagogo, começa por oferecer um conselho positivo (*se te aproximares para servir o Senhor*), remetendo posteriormente o discípulo para o contexto do ensino: o momento da prova

e da adversidade.<sup>12</sup> A expressão *para a prova* não se refere apenas à existência, mas também à orientação do coração e à sua capacidade de ser constante. O significado é o da necessidade de predispor o coração para a prova, mas também o de ser constante na própria prova. No momento da adversidade, o sábio recomenda conservar-se unido ao Senhor e não se afastar dele; o importante é permanecer unido ao Senhor.<sup>13</sup>

A expressão *prepara a tua existência* (Sir 2,1) é única. Pode traduzir-se como *prepara a tua pessoa*, associando o serviço do Senhor a uma espécie de voto, para o qual era sempre necessário uma preparação.<sup>14</sup> Esta preparação tem como objetivo último a aceitação e a ulterior superação da prova, ou seja a recetividade das diversas provas que a opção pelo Senhor traz consigo, geradoras de uma maturação humana e religiosa progressiva.

Para o autor, todos fazem experiência da prova divina e das consequências inevitáveis da sua opção pelo Senhor. Abraão é o grande exemplo. O autor não nos explica, de imediato, quem é o sujeito da prova, nem muito explícito no dizer em que consiste esta prova. Porém, ele está consciente da fadiga que implica uma fidelidade a toda a prova, por isso insiste com um novo conselho: *não te percas, tem paciência, sê forte, constante*. A expressão inclui um apelo à fidelidade e à constância; fidelidade na própria decisão e paciência no suportar com firmeza todas as adversidades. Esta atitude opõe-se a uma resignação; define-se por um saber aceitar e sofrer com audácia, sem cair no cansaço e no desânimo. O medo impele a fuga, a confusão ofusca a mente, o agir precipitado, fruto do desespero ou da impaciência, conduz à morte, no tempo e para a eternidade. Em síntese, o comportamento impaciente e intolerante destrói a fé em Deus e abre as portas ao desespero.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Cf. CALDUCH-BENAGES, N., *En el crisol de la prueba. Estudio exegético de Sir 2,1-18* (Estella [Navarra]1997); Id., *Un gioiello di sapienza. Leggendo Siracide 2* (Milano 2002).

<sup>13</sup> O autor usa a raiz hebraica *dbq*; utilizada para indicar a atitude de fidelidade ou infidelidade ao senhor (aderir ao Senhor Dt 4,4; 20,20) ou afastar-se (1Sm 12,20). Afim de que tu «nos teus caminhos passas crescer... encontrar a sabedoria». «No teu fim...» significa: depois da prova, uma vez superada a tribulação ou a desgraça [Cf. CALDUCH-BENAGES, N., *En el crisol de la prueba*, 23-26].

<sup>14</sup> A expressão mais frequente é *preparar o coração* (1Sm 7,3; Sl 9,38; 10,17; 56,8; 107,1; 111,7). O coração é o órgão chave do ser humano, lugar dos sentimentos, da vontade, da inteligência, dos desejos e da conduta ética e sobretudo do discernimento. Numa antropologia Bíblica, é graças ao coração que o ser humano é capaz de expressar o seu próprio juízo sob diferentes formas que brotam do seu interior. Em Ben Sirá o coração é o centro da vida. A orientação não é apenas física, mas sobretudo interior: os seus pensamentos e os seus desejos e escolhas devem estar orientados para o Senhor. Caso contrário existirá uma inevitável dispersão das suas forças e uma profunda desorientação que o impedirá de enfrentar o passo difícil da prova; o momento em que é necessário, mais do que nunca, um coração decidido e inquebrantável e sobretudo fiel ao Senhor (Sl 78,8 fala de uma geração rebelde que não colocou o seu coração no Senhor) [Cf. CALDUCH-BENAGES, N., *En el crisol de la prueba*, 34-38].

<sup>15</sup> Cf. CALDUCH-BENAGES, N., *Un gioiello di sapienza. Leggendo Siracide 2* (Milano 2002) 12-17.

Trata-se da prova que o Senhor permite. Não se trata de esperar pacientemente um futuro feliz, mas de aprender a suportar com paciência um presente adverso. O discípulo deve aprender a não iludir as dificuldades reais sonhando com uma paz próxima, mas a enfrentar as múltiplas provas da vida com a esperança e perseverança própria de quem se apoia no Senhor. Neste contexto, o sábio não se contenta simplesmente em avisar o discípulo. Procura oferecer-lhe uma motivação convincente. Cita um provérbio conhecido «o oro prova-se pelo fogo» e acrescenta-lhe «os homens justos na fornalha da humilhação».<sup>16</sup>

O sábio revela a sua convicção de que a confiança no Senhor é também esperança. Num momento de prova, o discípulo espera confiante na ajuda e na misericórdia que vem do Senhor. Não saber esperar significa não saber confiar. Porém, não basta esperar e confiar, é necessário endireitar os caminhos. O sábio apela à responsabilidade e à docilidade do discípulo para que se disponha a colaborar com um Senhor misericordioso. O discípulo não poderá eliminar as dificuldades, mas interiormente tem plena liberdade de para lutar contra elas e contra as resistências que lhe impedem o caminho.

A procura da sabedoria é para este autor um caminho longo e atribulado: dura toda a vida (6,18; 51,13-15) e é atribulado porque exige um esforço e suprimento constante (6,19; 51,26). No poema de 4,11-19 *a escola da sabedoria*, a sabedoria aparece como uma mestra que caminha ao lado do discípulo. Este não se dá conta porque ela é como se fosse invisível, não deseja ser descoberta. Na sua clandestinidade submete o discípulo a diversas provas.<sup>17</sup>

Porém, tal como a prova a misericórdia divina está sempre presente. Diante da prova o justo pode sempre contar com as entranhas de misericórdia do Senhor: *Quem teme ao Senhor não encontrará nenhum mal e será liberto da prova* (33,1). O próprio sábio se oferece como exemplo (51,1-12). O servo do Senhor que dedica a sua vida à sabedoria deverá

<sup>16</sup> Aquilo que o fogo é para o oro, assim o é a fornalha da humilhação para os que são justos. O sábio usa a imagem da fornalha para ilustrar o tipo de prova... tal como a fornalha evoca a fusão dos metais... as provas materiais que Israel sofreu durante a opressão egípcia; os trabalhos forçados e as necessidades de uma vida de escravidão... humilhação social, cultural e religiosa (Dt 4,20; Jr 11,4; Is 48,10). Curiosamente, em Sir 2,5 aplica a fornalha aos homens eleitos; é estes que o Senhor submete a uma prova de fogo, como se faz ao oro, para assemelhá-los a ele. Por isso, o ser humano, ainda que um justo, deve passar pela fornalha da prova. «Aquilo que o fogo é para os metais, são as desgraças e as humilhações para os homens. O fogo não falsifica nem corrompe o metal, mas trabalha-o e prepara-o como uma obra prima; assim as aflições fazem ver aquilo que somos: se a nossa virtude é sólida e verdadeira ou simplesmente aparente» CALDUCH-BENAGES, N., *Un gioiello di sapienza. Leggendo Siracide 2* (Milano 2002) 23-28.

<sup>17</sup> CALDUCH-BENAGES, N., *En el crisol de la prueba. Estudio exegético de Sir 2,1-18* (Estella [Navarra]1997) 54-59.

suportar muitas provas que veem de Deus, dos outros e de si mesmo, porém pode contar sempre com bondade de Deus. Estamos já num outro momento da reflexão dos sábios, onde as grandes questões da vida se tornam caminho e não obstáculo para o Deus de misericórdia.

#### 4. A *misericórdia como um Dom e Graça* que move a inteligência e o agir na descoberta de Deus e do irmão

**Sb 9**, <sup>1</sup>*Deus dos nossos pais e senhor de misericórdia,*  
*que tudo criaste com tua palavra,*  
<sup>2</sup>*que formaste o homem com tua sabedoria,*  
*a fim de que dominasse sobre todas as criaturas que chamaste à existência,*  
<sup>3</sup>*governasse o mundo com santidade e justiça*  
*e exercesse o julgamento com retidão de espírito,*  
<sup>4</sup>*dá-me a sabedoria que se senta junto do teu trono*  
*e não me excludas do número dos teus filhos.*

.....

<sup>17</sup>*e quem conhecerá a tua vontade,*  
*se não lhe deres sabedoria,*  
*e não enviares o teu santo espírito lá do céu?*  
<sup>18</sup>*assim se endireitaram as veredas dos que vivem na terra,*  
*os homens aprenderam o que é do teu agrado*  
*e pela sabedoria se salvaram.*

Este texto é bem explícito na associação que estabelece entre o Deus dos Pais (formulação mais antiga de Israel para designar o seu Deus, como um Deus distinto dos deuses dos outros povos e como um Deus de relação...) e o Senhor de misericórdia.<sup>18</sup> E se é verdade que o termo usado para misericórdia não é o termo *rahem*, mas *evle,oj s*, não há dúvida que o autor nos pretende colocar perante um Deus que, antes de mencionar como criador e salvador, é Senhor de misericórdia e de entranhas geradoras de vida.

É um fato que as grandes tradições de Israel, se centravam nos acontecimentos salvíficos do Êxodo. A primeira experiência que Israel teria tido da intervenção de Deus na sua história, teria sido a de um Deus que é Salvação, e partir dela que teria chegado à noção de um Deus criador. Por isso, durante muito tempo, a exegese não sabia muito bem o que fazer com

<sup>18</sup> Senhor aqui evoca o nome de Yhwh, o nome que só Israel tinha para designar Deus.

estes textos da sabedoria de Israel, que fazem preceder a afirmação de um Deus criador sobre a de um Deus Salvador.

É evidente que tudo isto requer uma observação cuidadosa dos textos, que não é possível fazer neste momento. Porém, o texto Sb 9,1 é bem explícito na afirmação de que o Deus dos pais e Senhor de misericórdia (tou/ evle,ouj), é o Deus criador, que tudo criou com a sua palavra, privilegiando nesta criação a formação do ser humano com a sua sabedoria.<sup>19</sup> A Salvação deixa de ser algo que limita ao evento libertador de Israel da opressão egípcia, para se tornar uma realidade que é oferecida a toda a humanidade que Deus criou. Por isso, muitos defendem que os sábios de Israel estão convencidos que é porque Deus é um Deus criador, que ele é, igualmente, um Deus salvador. O agir misericordioso de Deus, enquanto gerador de vida e de salvação é um ato de uma nova criação.<sup>20</sup>

Na verdade, é também à luz deste contributo sapiencial que podemos compreender a pessoa de Jesus Cristo. Nele se realiza o agir criador e salvador de Deus, bem explícito no início do Evangelho segundo João:

Jo <sup>1,2</sup> No princípio Ele estava em Deus.

<sup>3</sup> Por Ele é que tudo começou a existir;  
e sem Ele nada veio à existência.

<sup>4</sup> Nele é que estava a Vida  
de tudo o que veio a existir.

Porém, é enquanto criação e salvação, que Jesus Cristo é sabedoria e misericórdia de Deus para nós. É impensável olhar Jesus Cristo, no ser e agir sem reconhecer nele as entranhas de misericórdia de Deus, que nele assumem as diferentes facetas do perdão, da compaixão, da inclusão.

Luísa Maria Varela Almendra

<sup>19</sup> Não é possível mostrar aqui o modo como o autor do Livro da Sabedoria relaciona linguisticamente a sua descrição de um Deus Criador e Salvador num paralelo singular com as narrativas de Gn 1-2.

<sup>20</sup> Cf. VOGELS, W., "The God Who Creates Is the God Who Saves: The Book of Wisdom's Reversal of the Biblical Pattern", *Eglise et Theologie* 22 (1991) 315-335.